

The illustration depicts a dramatic scene from Byron's 'Manfredo'. On the left, a man in a dark, voluminous coat with a white collar, identified as Manfred, is shown in a dynamic pose, gesturing with his right hand towards a spectral, ethereal figure that appears to be emerging from the wall. He has a beard and is looking upwards with an intense expression. To his right stands an older man in a dark, flowing clerical robe with a cross pendant, identified as the Abbot. He has his hand on Manfred's shoulder in a gesture of support or warning, looking on with a somber expression. The setting is a grand, gothic-style interior with high ceilings and large windows. Through the windows, a dark, mountainous landscape is visible under a night sky with a full moon and stars. In the foreground, a red upholstered chair is partially visible on the left, and an open book lies on the floor. The overall mood is mysterious and dramatic, with a focus on the supernatural and the inner turmoil of the characters.

Lord Byron
MANFREDO
POEMA DRAMÁTICO





LORD BYRON

MANFREDO

POEMA DRAMÁTICO

Tradução de Antônio Franco da Costa Meirelles



2019

Ficha:

B996m

Byron, George Gordon, 1788 – 1824

Manfredo: poema dramático / George Gordon Byron (Lord Byron); tradução Antônio Franco da Costa Meirelles; notas Cid Vale Ferreira. – 1 ed São Paulo: Editora Sebo Clepsidra, 2019.

7.422kb ; ePub

ISBN: 978-65-80559-04-6

1. Poesia inglesa I. Título II. Lord Byron

CDD: 821

CDU: 821.111-1

Ilustrações: Kenny Meadows, Birket Foster, Hablet K. Browne, Gustave Janet e Edward Morin

Edição e notas: Cid Vale Ferreira

Tradução: Antônio Franco da Costa Meirelles

Revisão: Giovana Corrêa

Projeto gráfico e edição de imagem: Miguel Estêvão

Capa: Filipe Florence Rios

Pintura da capa: Johann Peter Krafft

Agradecimentos: Carlos Prinati, Luciana Pelliciar, Carlos Carvalho e demais funcionários da Seção de Livros

Especiais da Biblioteca Florestan Fernandes

Todos os direitos reservados à Editora Sebo Clepsidra.

Rua Doutor Cesário Mota Júnior, 296, Vila Buarque, São Paulo

Tel.: 11 2476-0378 | fb.com/seboclepsidra |
seboclepsidra@gmail.com

SUMÁRIO

PREFÁCIO À EDIÇÃO DE 1889

PERSONAGENS

ATO PRIMEIRO

CENA PRIMEIRA

CENA SEGUNDA

ATO SEGUNDO

CENA PRIMEIRA

CENA SEGUNDA

CENA TERCEIRA

CENA QUARTA

ATO TERCEIRO

CENA PRIMEIRA

CENA SEGUNDA

CENA TERCEIRA

CENA QUARTA

NOTAS

NOTAS FINAIS

PREFÁCIO À EDIÇÃO DE 1889 ¹

AO LEITOR

Longe de justificarmos em tudo os primorosos frutos do espírito de Byron que formam o presente livro, assinalaremos ao contrário alguma advertência e reparo para que se não infiltrem no ânimo porventura desprevenido do leitor as paixões desordenadas, as doutrinas heterodoxas e, muitas vezes, ímpias, que ressumbram de muitas de suas passagens tomadas separadamente e desacompanhadas das devidas respostas, embora de envolta com muitos sentimentos grandes e generosos com abundantes e sublimes esplendores da moral mais consoladora.

Interpondo nossas ideias a semelhante respeito com toda franqueza, sem quebra, porém, do acatamento que tributamos a duas das coisas mais veneráveis na Terra, – a morte e a glória – ² cumprimos dever de consciência tanto mais imprescindível quanto arrebatadora é a força que dardeja a influência perniciosa e desenfreada é a lava da impiedade que atualmente fermenta no espírito público.

I MANFREDO

Manfredo é o sábio que se entrega aos estudos proibidos, às

ciências ocultas; é o sombrio evocador dos gênios do ar, das águas e da terra e, mais que tudo, o espírito atormentado do remorso, contra o qual, lição fecunda, o que mais pode é improfícuo, a própria meditação do estudo não lhe oferece asilo nem refúgio...

É o espírito que procura por toda parte o esquecimento, que pede à noite, como à luz do dia, o olvido de um episódio lúgubre de sua vida misteriosa; e, tentando esconder-se e furtar-se a seus próprios olhos, insensato, busca em vão fazer descer a paz sobre uma cena de sangue.

É finalmente o orgulhoso que, rigorosamente torturado pela ideia da transgressão dos preceitos divinos, quer usar de sua própria força que nada pode contra o seu desespero; recorre à natureza; quer de tudo arrancar o esquecimento; e – só – em frente da culpa se apresenta decidido a aceitar o auxílio de todos os poderes exceto o da Providência!

Eis todo o mal de Manfredo, e é por isso que seu tormento é incurável. Não teve a veneranda majestade da dor o seu sofrer – embora cruciante.

Culpado, não sente que a falta lhe devia quebrar o estéril orgulho, que a soberba em sua fronte é pelo menos uma insânia, quando a palavras e a esforços sobrenaturais corresponde sempre, como um eco, interiormente, a lembrança de um crime!

“O que quer que hei sido ou sou, só o sabe o céu; eu só o sei... é

segredo que ficará entre mim e o céu!!”

Se há majestade nesse ato, se nessa obstinação respira elevação e heroísmo, que culpado não poderá, como Manfredo, tocar o ápice de tão fácil grandeza?

“Prova meus crimes e pune-me”, diz ele ao abade de S. Maurício. Mas como, se os ignora o abade?

“Padre, nada há capaz de exorcizar da alma o sentimento vivo de seus próprios pecados, de seus crimes.” Mas que significa então esse incisivo conhecimento do erro e o pesar e a vergonha que incessantes o acompanham, se o remorso não tem, no tempo, a força de consumir o pecado, se a dor, o arrependimento, em suma, não poderá jamais absolver o crime?

Há, decerto, justiça no remorso; mas como este é graduado segundo os corações, segundo a natureza individual e as luzes do espírito, em caso muito excepcional, somente, pode na Terra vir a ser suficiente e satisfazer a sanção da lei.

E quando o protagonista afirma que não há suplício de além-túmulo que iguale a justiça que a alma a si própria inflige quando se condena e pune, fala de si próprio, fala apaixonadamente, e só para sua própria individualidade; é sempre a louca filosofia do orgulho e do crime.

“*É muito tarde*”, replica ao abade. Vede bem a resposta do Sacerdote: “*Nunca é tarde para vos reconciliardes com a vossa alma, e reconciliar-se a alma com o céu*”. Eis a fé em todo o seu esplendor, na própria boca de Byron, que nada pôde opor a essa consolação sublime, a entornar sua luz suave nessas trevas adensadas, a triunfar visivelmente do seu espírito descrente e cético.

Diz o Poeta: “*Este homem deve ter sido uma alma nobre; tem toda a energia que houvera produzido um belo todo de elementos gloriosos se tivessem sido sabiamente combinados, mas tal qual é hoje é um caos tremendo*”.

Se o espírito, ou antes, a imaginação do leitor se deixa seduzir, a despeito de tão justa e salutar advertência, pela poesia fatal do personagem que é como um caos tremendo, como um misto de luz e trevas, de alma e pó, reflita que é a felicidade, que é a paz íntima que dessa arte arrisca.

Que lhe resta fazer?

Desse agregado de ideias tantas vezes sublimes, de sentimentos tantas vezes tumultuosos e loucos, separar para si somente os *elementos gloriosos*, e sem nada deixar de admirar da primeira à última linha do poema verdadeiramente admirável, remontar-se ao Manfredo anterior ao drama.

[...]

IV

Com este trabalho, tivemos em mira oferecer à admiração dos que conhecem apenas o nome do imortal cantor do Childe Harold alguns dos primores em que mais esplêndida se estende a grandeza de seu gênio.

Temendo que a nossa tradução, se fora em verso, desfigurasse o original e lhe enfraquecesse inteiramente as belezas, preferimos a prosa, embora nem sempre suscetível àquela energia, àqueles movimentos e cadência que são os encantos da poesia.

Se as belezas do original inglês foram bem compreendidas e condignamente vertidas para o português, di-lo-ão outros, os conhecedores do caráter das duas línguas, que não o obscuro tradutor.

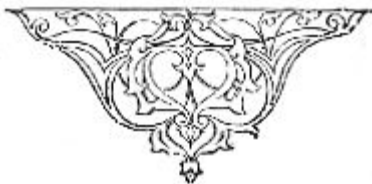
A nós, que não desconhecemos quão temerário é ousar traduzir poetas como Byron, cabe apenas assegurar que muitas vezes empalidecemos diante das dificuldades com que nos torturava o Poeta nos voos de sua imaginação fecunda e tumultuosa, no delírio de suas ideias arrogantes, mas nunca poupamos esforços nem estudos para compreendê-lo e guardar a fidelidade indispensável em trabalho de tanta transcendência.

Se o conseguimos, fica-nos o prazer, sem vaidade, não só de haver importado para a língua vernácula tesouros porventura desconhecidos a muitos de nossos patrícios, mas também o de

ainda uma vez inclinar-nos ante a majestade do maior gênio da poesia moderna e testemunhar nosso entusiasmo por suas obras – verdadeiros monumentos – que atravessarão as gerações futuras, lidos, meditados, e admirados sempre.

Bahia, julho de 1870.

Dr. Antônio Franco da Costa Meirelles



1. [N. do E.] Originalmente intitulado “Ao Leitor”, esse prefácio integra a obra *Dramas de Byron: Manfrêdo, Céu e Terra e Cain*, composto pela Typographia dos Dois Mundos, na Bahia, em 1889. Nesta edição, suprimimos as seções correspondentes aos dramas *Céu e Terra* e *Caim*, preservando a primeira parte, os comentários sobre *Manfredo* e a conclusão do tradutor.

2. [N. do A.] Byron morreu em Missolonghi aos 36 anos de idade pelejando pela independência e liberdade da Grécia.

PERSONAGENS

MANFREDO
CAÇADOR DE CABRAS
ABADE DE S. MAURÍCIO
MANUEL
HERMANN
A FADA DOS ALPES
ARIMANES
NÊMESIS
OS DESTINOS
ESPÍRITOS ETC.

A cena do Drama se passa nos Altos Alpes – parcialmente no Castelo de Manfredo e parcialmente nas montanhas.[3](#)



"Há mais coisas entre o Céu e a Terra,

Horácio, do que sonha vossa filosofia"

Hamlet, William Shakespeare

3. [N. do E.] Tanto esta rubrica quanto a epígrafe da ilustração não constam da tradução de Antônio Franco da Costa Meirelles.

ATO PRIMEIRO

CENA PRIMEIRA

Galeria Gótica. — É meia-noite.

MANFREDO (SÓ)

Encha-se de novo a lâmpada; mas ainda assim não arderá por tanto tempo quanto devo velar: se tento dormir, não é sono; pensamentos irresistíveis a me torturar o espírito acompanham-me incessantes: trago no coração a vigília, e se fecho as pálpebras é só para olhar interiormente; entretanto vivo e tenho aspecto e a forma do homem vivo.

Mas a dor devia instruir o sábio; sofrer é saber: os que mais sabem são os que mais devem chorar sobre a fatal verdade, a árvore da ciência não é a árvore da vida¹. Ensaiei a filosofia e as ciências, as fontes do maravilhoso e a sabedoria do mundo, e n'alma sinto forças para dominá-las; mas que vale isso? Aos homens fiz o bem e até entre eles o bem encontrei... porém, que me valeu?... Tive inimigos e nenhum jamais de mim zombou, antes, a meus pés vi muitos se curvarem... porém, ainda isso que me valeu?... O bem, o mal, a vida, o poder, as paixões, tudo que nos outros seres vejo, há sido para mim como a chuva sobre a areia, desde essa hora que não sei como a chame... Não sei o que é ter medo, e sinto a maldição de não ter temor algum natural, de não sentir bater-me no coração esperanças

ou desejos ou secreto amor por coisa alguma na terra... Agora à minha tarefa.

Misteriosas potências! Espíritos do universo imensurável! Que hei procurado nas trevas e na luz... que esvoaçais em torno do globo e viveis em mais sutil essência... cuja morada é no vértice de inacessíveis montes, e a quem são familiares as cavernas da terra e do oceano... eu vos evoco por esse encanto escrito que ao meu domínio vos sujeita... Levantai-vos! Aparecei! *(Pausa)*

Não vêm ainda...

Então em nome daquele que é o primeiro dentre vós... por esse sinal que vos faz tremer, pelos direitos do que não morre... erguei-vos! Aparecei! Aparecei! *(Pausa)*

É assim?... pois bem. Espíritos da terra e do ar, não zombareis de mim... Por um poder maior do que todos de que me hei servido, por esse encanto irresistível que numa estrela condenada teve seu berço, destroço ardente de um mundo extinto, inferno errante no espaço eterno; pela horrível maldição que me pesa n'alma, pelo pensamento que está em mim e em tudo que me cerca, eu vos intimo a obedecerdes às minhas ordens! Aparecei!

(Vê-se aparecer na extremidade mais sombria da galeria uma estrela que se conserva imóvel; e ouve-se uma voz cantar):

1º ESPÍRITO

Mortal! Obedecendo à tua evocação, ainda que proibida, lá da minha mansão nas nuvens construída pelo sopro do crepúsculo e dourada de púrpura e azul pelo Sol poente do estio para meu pavilhão... corri sobre o raio de uma estrela, aos teus conjuros eis-me curvado... Dize, mortal, qual tua vontade?

2º ESPÍRITO

Monte Branco é o rei das montanhas, que, vestido de um manto de nuvens, fora há séculos por elas coroado num trono de rochas, com diadema de neves. A cintura lhe cingem florestas, e das mãos pende-lhe a avalanche; mas essa mole trovejante ele a deixa desabar só à minha voz; a massa fria e móvel da geleira vai dia a dia progredindo; sou eu quem lhe ordena passar além ou deter-se com os seus caramelos. Sou o espírito deste lugar; posso fazer a montanha dobrar e tremer até aos cavernosos alicerces... tu... que queres comigo?

3º ESPÍRITO

No fundo azul dos mares, onde a vaga é serena, e o vento é desconhecido, onde vive a serpente marinha; e a sereia enfeitada de conchinhas a verde cabeleira; lá como a tempestade sobre a superfície das vagas, chegou-me o som de tua evocação, e no meu pacífico palácio de coral profundo eco mo repetiu... Ao espírito do oceano declara teus desejos!

4º ESPÍRITO

Lá, onde adormecido o terremoto reclina a fronte em ígneo leito; onde em borbulhões refervem lagos de betume; onde as raízes dos Andes entranham-se tanto na terra quanto seus topos às nuvens se elevam até nelas se perderem; deixei o berço em que nasci para aguardar tuas ordens... Subjugou-me o poder de teus mágicos encantos; guie-me a tua vontade.

5º ESPÍRITO

Sou o espírito cavalgador dos ventos e o motor das procelas; o furacão que após deixei arde ainda com os fogos do raio; para mais depressa chegar, nas asas do aquilão atravessei mar e terra.

Rápida sulcava os mares a frota que encontrei; e, todavia, antes que amanheça, terá sossobrado.

6º ESPÍRITO

Minha morada é na sombra da noite; para que com a luz me torturam teus mágicos conjuros?

7º ESPÍRITO

A estrela que preside a teu destino foi regida por mim antes da criação da Terra; nunca em torno do Sol girou mundo tão robusto e belo; livre e regular era seu curso, nem jamais contou o espaço em seu seio estrela mais encantadora. Chegou a hora e ela tornou-se massa errante de chamas informes, cometa vagabundo, maldição, ameaça suspensa sobre o Universo, girando sempre por sua própria força, sem esfera, sem direção, uma deformidade brilhante no seio

do firmamento, um monstro horrível nas regiões do céu! E tu, que sob sua influência nasceste... verme! A quem a um tempo obedeces e desprezas... ouve-me. Forçado por um poder que não é teu, e apenas te foi emprestado para que um dia venhas a pertencer-me, desci por momentos a este lugar, confundindo-me assim com os espíritos fracos que em torno de ti se curvam e contigo conversam... dize, filho do pó, que queres de mim?

OS 7 ESPÍRITOS

A terra, o oceano, o ar, a noite, as montanhas, os ventos, a tua estrela, enfim, estão ao teu aceno, filho d'argila! Tens em tua presença os seus espíritos. Que queres de nós?... Fala!...

MANFREDO

O esquecimento!...

1º ESPÍRITO

De que?... de quem?... e por quê?...

MANFREDO

Do que tenho dentro em mim; lede-o aí... vós o sabeis; e eu não posso dizê-lo.

1º ESPÍRITO

Podemos apenas dar-te o que possuímos; pede-nos súditos, soberania, poder sobre a terra, de toda ou de parte dela, ou um encanto com que possas dominar os elementos sobre que reinamos,

e cada uma dessas coisas ou todas serão tuas.

MANFREDO

O esquecimento! O esquecimento de mim próprio!... Dentre esses reinos ocultos que tão prodigamente me ofereceis, não podeis tirar o que vos peço?

1º ESPÍRITO

Não está em nossa essência, em nosso poder; mas... podes morrer.

MANFREDO

E a morte dar-mo-á?

1º ESPÍRITO

Somos imortais e não nos conhecemos; somos eternos e para nós o passado e o futuro são como o presente...

MANFREDO

Zombais comigo... mas o poder que aqui vos trouxe vos tornou meus. Escravos, não ludibrieis de minha vontade! A alma, o espírito, a centelha de Prometeu², o relâmpago de meu ser é tão esplêndido, tão penetrante, de tanto alcance como o vosso e, embora encerrado em argila, não vos cederá o passo! Respondei ou ensinar-vos-ei o que sou.

1º ESPÍRITO

Já te respondemos; nossa resposta está nas tuas próprias palavras.

MANFREDO

Que quereis dizer?

1º ESPÍRITO

Se, como dizes, tua essência é igual à nossa, já te respondemos que aquilo que os homens chamam morte nada tem que ver conosco.

MANFREDO

Debalde vos evoquei então dos vossos reinos: não podeis ou não quereis socorrer-me.

1º ESPÍRITO

Fala; o que possuímos te oferecemos, é teu; reflete antes de nos despedires; pede-nos ainda reino e poder, e força e longos dias.

MANFREDO

Malditos! Que me importa longos dias? Longos demais têm sido os meus... Eia! Parti!

1º ESPÍRITO

Reflete ainda; estando aqui quiséramos servir-te; vê bem, não há outro presente que possamos fazer-te que não seja indigno a teus olhos?

MANFREDO

Não; nenhum; mas esperai... um momento ainda antes de

separarmo-nos... quisera ver-vos face a face. Ouço-vos as vozes doces e melancólicas, como sons melódiosos sobre as águas; vejo o aspecto de uma estrela grande, brilhante, imóvel e nada mais. Aproximai-vos de mim tais quais sois, ou um só ou todos.

1º ESPÍRITO

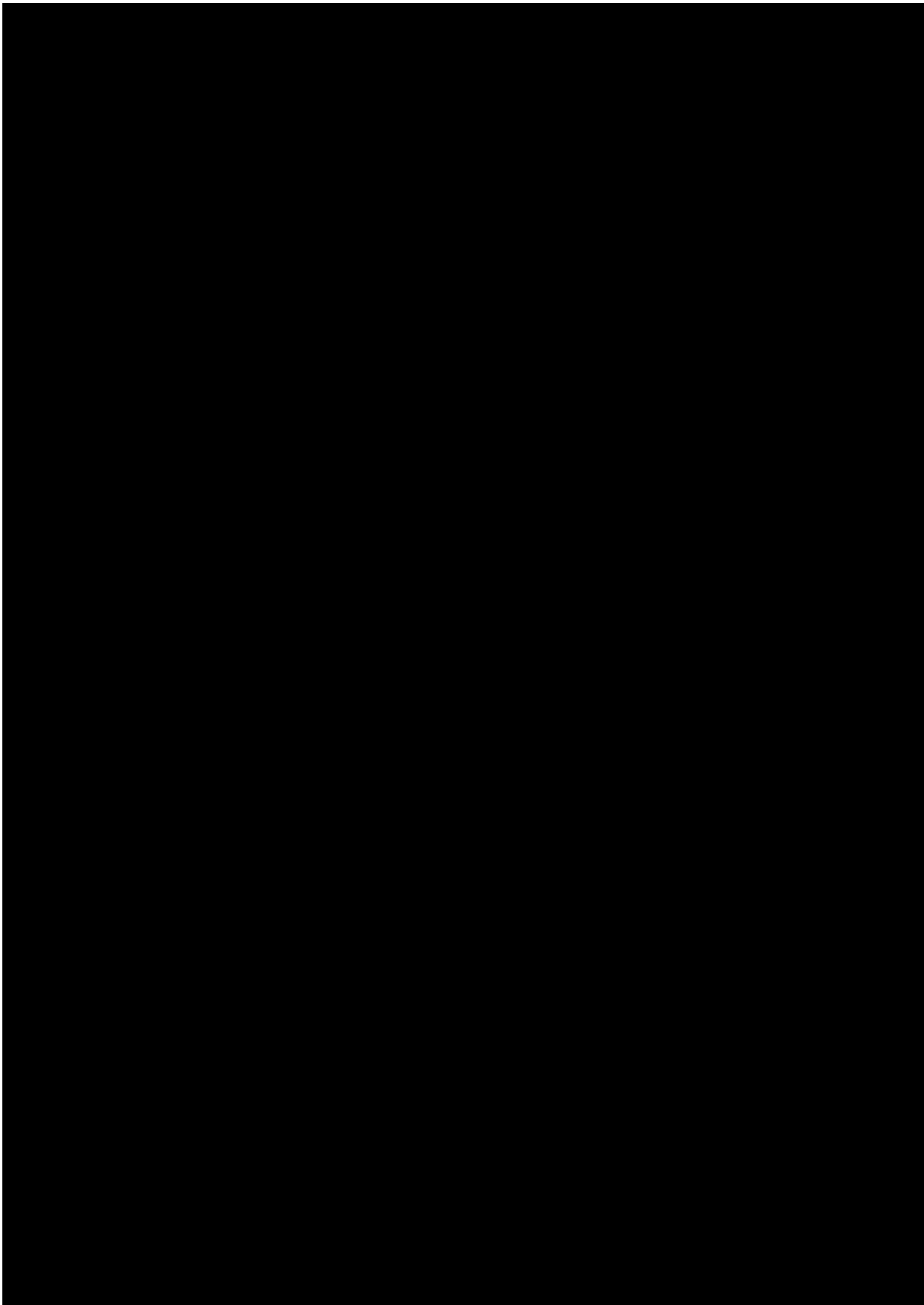
Não temos forma, além dos elementos de que somos a alma e o princípio: escolhe, porém, tu uma forma qualquer e nela te apareceremos.

MANFREDO

Não tenho que escolher, não há forma na terra que seja hedionda ou bela. Tome a que mais lhe convier o que dentre vós for mais poderoso e venha!

7º ESPÍRITO – (APARECENDO NA FORMA DE UMA MULHER BELA)

Vê!



MANFREDO

Oh! Deus! Se isto é na realidade, se tu não és uma ilusão de louco ou uma zombaria, então posso ainda ser o mais feliz dos homens: apertar-te-ei em meus braços, e seremos outra vez... *(Desaparece a mulher)* Oh!... meu coração partiu-se! *(Cai sem sentidos)*

OUVE-SE UMA VOZ CANTAR

Quando a lua brilhar nas ondas, na relva o pirilampo, nos pântanos o fogo-fátuo e o meteoro nos túmulos; quando as estrelas cadentes desfilarem e o eco repercutir os gritos do mocho; quando as folhas dormirem silenciosas à sombra da colina, minha alma então sobre a tua pousará com poderoso encanto.

Por mais profundo que te seja o sono, teu espírito não dormirá; há sombras que para ti nunca se apagarão; pensamentos que nunca poderás banir; por uma força desconhecida jamais poderás estar só; envolto como num sudário, condensado numa nuvem, habitarás eternamente no espírito deste encanto.

Ainda que me não vejas passar por ti, sentir-me-ás com os olhos como coisa que, embora invisível, esteve e estará sempre a teu lado; e quando, tomado de terror secreto, voltares a cabeça, te espantarás de ver-me não como tua sombra e do poder que sentires dissimularás a presença.

Uma voz mágica deu-te em ritmo por batismo a maldição; um dos

espíritos do ar num laço te prendeu; há no sopro do vento uma voz que te proíbe a alegria; todo o repouso do seu céu negar-te-á a noite; e o dia terá para ti um sol que far-te-á desejar que rápido se extinga.

De tuas lágrimas mentirosas distilei uma essência que tem o poder de matar; do coração arranquei-te depois o negro sangue em sua ainda mais negra vertente; do sorriso tirei-te a serpente que nele se enroscava como numa selva; dos lábios tomei-te o encanto que a todos esses venenos dava suas mais fatais virtudes; e provando os venenos conhecidos, vi que o teu era de todos o mais enérgico.

Por teu coração de gelo, por teu sorriso de víbora; pelo abismo insondável de tuas astúcias, por esse teu olhar na aparência o mais virtuoso, pela hipocrisia de tua alma refolhada, pela perfeição de teus artifícios que chegaram a fazer passar por humano o teu coração; pelo prazer que achas nas dores de outrem e por tua fraternidade com Caim, eu te condeno e obrigo-te a seres tu mesmo o teu próprio inferno!³

E sobre essa cabeça derramo o vaso de maldição que te condena a esses tormentos; tua sorte será não poderes dormir nem morrer; a teu lado verás a cada instante a morte só para desejá-la e ao mesmo tempo temê-la... mas, já em roda de ti se opera o encanto, e uma cadeia silenciosa te envolve em seus elos; teu coração e teu cérebro se dobram já sobre a fatal sentença. Eia... corre à tua perdição!

CENA SEGUNDA

Montanha de Jungfrau. — Romper do dia

MANFREDO (SÓ, SOBRE OS ROCHEDOS)

Os espíritos que evoquei abandonaram-me... as ciências mágicas que estudei escarnecem-me... falhou-me o remédio em que confiava; não me fio mais em auxílio sobre-humano, ele não tem poder sobre o passado; e o futuro, esse, enquanto nas trevas se não abismar o passado, não tenho que procurá-lo... Ó, terra, minha mãe! E tu, dia, que comesças de romper; e vós, montanhas, por que sois tão belas?

Eu já não posso amar-vos! — Olho brilhante do universo, que para todos te abres e és para todos uma delícia, tu não brilhas em meu coração! E vós, rochedos, em cuja aresta agora me debruço, tendo aos pés o leito da torrente e os altos pinheiros que desta distância vertiginosa semelham pequenos arbustos... quando um salto, um passo, um movimento, ainda um sopro, bastará para atirar-me sobre vosso leito e fazer-me aí descansar para todo o sempre... por que hesito? Sinto o impulso... e todavia não me precipito; vejo o perigo... e não recuo; tonteia-me a cabeça, mas o pé é firme... não sei que força me detém, e condena-me a viver... se é que é viver trazer no coração esta esterilidade e ser o sepulcro da própria alma, pois já deixei de justificar-me ante a própria consciência... derradeira fraqueza do culpado!

(Passa uma águia)

Ó tu, que fendes as nuvens com as rápidas asas, cujo voo

afortunado é o que mais se eleva nos céus, bem fazes em te aproximar tanto de mim... eu deveria ser tua presa e servir de pasto a teus filhos... mas lá te foste a uma distância onde os olhos não podem seguir-te; mas os teus varam o espaço e descobrem ainda tudo que existe acima, abaixo e além... Belo! Como é belo todo este mundo visível! Como é magnífico em si mesmo e em todas as suas manifestações! Mas nós, que nos dizemos seus soberanos, nós, meio pó, meio deuses, incapazes de descer ou de subir, com esta mista essência excitamos a guerra entre seus elementos, e aspiramos o sopro do orgulho e da degradação lutando com ignóbeis necessidades e soberbos desejos até sermos vencidos pela morte, e serem os homens aquilo que não ousam reconhecer nem a outrem confiar.

(Ouve-se tocar ao longe a gaita de um pastor)

Escutemos... a melodia, a música natural da flauta da montanha!... Aqui a vida patriarcal não é uma fábula da idade de ouro... ao ar da liberdade as gaitas confundem os sons com o ruído argentino das campas do rebanho que vaga ocioso; minha alma quisera beber essas vibrações. Oh! Quem me dera ser o espírito invisível de um som melodioso, de uma voz vivida, uma harmonia animada, um gozo incorpóreo... nascer e morrer com o doce alento que me houvera formado!...

O CAÇADOR DE CABRAS – (SUBINDO DE BAIXO DA MONTANHA)

Foi por aqui que saltou a cabra: a ligeireza de seus passos malogrou-me a diligência; o produto desta caçada de hoje dificilmente compensará o trabalho em que mais de uma vez tenho arriscado quebrar o pescoço.

Que vejo?... Este homem não me parece dos nossos, e todavia chegou a uma altura que nenhum montanhês já atingiu e só podem galgar os melhores caçadores; veste como fidalgo, tem aspecto varonil e, a julgar desta distância, tem nos ares a altiveza do camponês que nasceu livre. Aproximemo-nos.

MANFREDO – (SEM DAR COM O CAÇADOR)

Ser assim, coberto de cabelos brancos pelas angústias... ser assim... como esses pinheiros mangrados, ruínas de um só inverno, sem córtice, sem ramos; tronco fulminado sobre uma raiz amaldiçoada que vive apenas para sentir-lhe fazer o gradual aniquilamento... Ser assim... eternamente assim e ter sido outro!... Ver a fronte sulcada de rugas que anos e horas... não, mas que instantes cavaram... instantes de torturas, longos como séculos... horas a que hei sobrevivido!... Montanhas de gelo! Avalanches, que um sopro basta para derrocar, em colossal desmoronamento, rolai! Esmagai-me! A cada passo ouço por cima da cabeça e sob os pés o estrondo de vossa tremenda queda... mas sempre passando por mim, sem atingir-me, lá ides cair sobre os seres que desejam ainda viver; sobre a floresta verdejante, ou sobre a cabana e o casal do inofensivo aldeão.

O CAÇADOR

Os nevoeiros começam a erguer-se do vale; vou adverti-lo que desça; senão arrisca-se a perder o caminho e a vida.

MANFREDO

Em torno das geleiras borbulham os vapores; de sob os meus pés sobem as nuvens enovelando-se brancas e sulfurosas, como a espuma das encapeladas ondas do pélago do inferno, que sucessivamente se vê quebrar numa praia onde os condenados se amontoam como as pedras à margem do oceano...

Assalta-me uma vertigem.

O CAÇADOR

Devo aproximar-me com toda cautela; um passo repentino pode assustá-lo; e parece que já cambaleia.

MANFREDO

Montanhas inteiras se têm desmoronado, rasgando as nuvens, fazendo com seu choque tremerem os Alpes, seus irmãos, e enchendo os verdes vales de destroços, represando com a queda súbita os rios, reduzindo as águas a turbilhões de vapor, e forçando suas vertentes a procurarem outro leito: tal na velhice, aconteceu ao monte Rosenberg... não ter eu estado lá debaixo!...

O CAÇADOR

Olá, amigo! Sentido! Um passo mais pode ser-te fatal! Pelo amor de

Deus, sai desse precipício!

MANFREDO – (SEM OUVI-LO)

Fora esse para mim o mais apropriado túmulo; em sua profundidade meus ossos repousariam em paz; não seriam disseminados pelas rochas para ludibrio dos ventos... como serão... quando eu daqui me despenhar... Adeus, Céus, que vos abris! Não me lanceis esses olhares de exprobração... não fostes feitos para mim... Terra! Recebe estes átomos!...

(Quando ele quer precipitar-se da rocha, o caçador de repente o agarra)

O CAÇADOR

Detém-te, louco!... Embora estejas cansado de viver, não manches com o teu sangue criminoso a pureza de nossos vales... Vem comigo... não te largarei.

MANFREDO

Já me falece o alento... não me apertes assim... sou todo fraqueza... as montanhas andam-me à roda... já não vejo... Quem és tu?

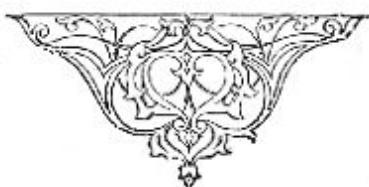


O CAÇADOR

Mais logo to direi... Vem... as nuvens engrossam; aqui... apoia-te agora em meu braço... põe o pé aqui. Toma este cajado... segura-te um instante naquele arbusto... dá-me agora a mão... agarra-me na cintura... devagar... bem... daqui a uma hora teremos ganhado a

choça onde acharemos terreno mais firme, e uma espécie de atalho que a torrente lavou após o inverno... Vamos; muito bem... nasceste para caçador... segue-me!

(À medida que eles vão com dificuldade descendo os rochedos, vai caindo o pano)



ATO SEGUNDO

CENA PRIMEIRA

Choça entre os Alpes de Berna

Manfredo e o Caçador

O CAÇADOR

Não; não... demora-te um pouco; não deves ainda partir; teu espírito e teu corpo não estão em estado de confiar um no outro, ao menos por algumas horas; quando melhorares, serei teu guia... mas para onde?

MANFREDO

Não importa; sei muito bem o caminho, não preciso mais de guia.

O CAÇADOR

Tuas vestes e maneiras revelam que és um homem de alta linhagem... um desses muitos senhores, cujos castelos construídos sobre rochas dominam os vales. Qual deles é o teu? Dessas habitações só conheço o exterior, porque meu modo de vida raras vezes me conduz às suas vastas lareiras para aquecer-me, e conviver com os vassalos; mas conheço bem desde a infância todos os caminhos que vão de nossas montanhas até as suas portas. Qual destes castelos é o teu?

MANFREDO

Não te importes.

O CAÇADOR

Está bem; desculpa-me a pergunta, e sê de melhor humor. Vem provar do meu vinho, é já velho; por muitas vezes me tem degelado as veias no meio dos nossos nevoeiros; sirva-te ele hoje para o mesmo fim! Vamos, bebamos juntos.

MANFREDO

Afasta!... afasta este copo! Em suas bordas há sangue! Pois que! Nunca, nunca a terra o beberá?...

O CAÇADOR

Que queres dizer? Perdeste, decerto, a razão.

MANFREDO

Digo-te que é sangue... Meu sangue!... Fonte pura que corria nas veias de meus pais e nas nossas quando éramos moços e tínhamos um só coração, e amávamo-nos como não devíamos amar-nos; então foi este sangue derramado; mas ainda hoje ele se levanta tingindo as nuvens que me fecham a entrada do céu, onde tu não estás, onde eu não estarei nunca.

O CAÇADOR

Homem de palavras estranhas, a quem o remorso talvez faz delirar, e povoar o vácuo, quaisquer que sejam teus terrores e sofrimentos,

ainda um conforto há para ti... no auxílio dos homens piedosos, na paciência celeste.

MANFREDO

Paciência e paciência! Deixa-me!... Esta palavra foi criada para os animais de carga, não para as aves de presa; vai pregá-la a seres como tu... eu não sou da tua ordem.

O CAÇADOR

Felizmente! E eu não quisera ser da tua, ainda a troco da glória de um Guilherme Tell⁴; mas seja qual for o teu mal, deves sofrê-lo; inúteis são todos esses insensatos transportes.

MANFREDO

E não o sofro?... Olha para mim... eu vivo...

O CAÇADOR

Vida convulsiva, mas não a vida cheia de saúde.

MANFREDO

Digo-te, homem da montanha, que hei vivido anos, bem longos anos, mas eles nada são hoje comparados com aqueles que me resta viver: séculos... séculos... o espaço... a eternidade... e o sentimento da existência com uma sede ardente da morte... até agora não satisfeita!

O CAÇADOR

Qual! Na frente trazes apenas o selo da meia-idade, eu sou muito mais velho que tu.

MANFREDO

Pensas que a existência depende do tempo? Depende... mas nossas ações são as nossas épocas; as minhas me hão tornado eternos os dias e as noites, ilimitados, uniformes, inúmeros como os grãos de areia na praia; — um deserto frio e estéril, sobre o qual vem quebrar-se as vagas selvagens, onde só restam esqueletos e destroços de naufrágios, fragmentos de rochas e regaço amargo.

O CAÇADOR

Ah! É louco!... Mas ainda assim não devo deixá-lo.

MANFREDO

Antes o fora, porque então tudo que vejo não seria mais do que o sonho de um cérebro enfermo.

O CAÇADOR

Que vês ou que pensas ver?

MANFREDO

Vejo-me, e vejo-te! A ti, camponês dos Alpes... as tuas humildes virtudes, o teu hospedeiro teto, a tua alma paciente, piedosa e livre, o teu respeito para contigo mesmo, embalado por inocentes pensamentos; os teus dias de são vigor, as tuas noites tão bem dormidas, os teus trabalhos nobilitados pelos perigos, puros de

crimes; as tuas esperanças de uma velhice ditosa... e depois um túmulo tranquilo, com uma cruz e uma coroa de flores sobre sua verde relva, e o amor dos filhos de teus filhos, netos por epitáfio! Eis tudo o que vejo... e depois olho para dentro de mim próprio... não importa... há muito que nesta alma me abriu a dor profundos sulcos!

O CAÇADOR

Quiseras então trocar a tua pela minha sorte?

MANFREDO

Não, amigo! Não quisera prejudicar-te, nem com ser algum vivo trocara jamais o meu destino. O que posso sofrer na vida... e eu sofro, ainda que miseravelmente... outros nem em sonho o poderiam sofrer, antes nele para logo morreriam.

O CAÇADOR

E com esse generoso sentimento pelas dores de outrem, pode porventura o crime ter enegrecido tua alma?... Não me digas que sim. Pode um homem de sentimentos tão brandos ter imolado à vingança seus inimigos?

MANFREDO

Oh! Não; não, não; os males que fiz recaíram sobre aqueles que amavam-me e que eu mais amava... nunca abati um inimigo senão em legítima defesa... só meus amores foram fatais!

O CAÇADOR

Dê-te o céu a calma do espírito! E à razão te restitua a penitência!
Orarei por ti.

MANFREDO

Não preciso; mas posso sofrer tua piedade. Adeus! Eu parto... é tempo... Aqui tens ouro e meus agradecimentos... nem uma palavra de recusa... o que te dou te é devido... Não me sigas... sei o caminho... o perigo já passou... ainda uma vez — não me sigas! (Sai)

CENA SEGUNDA

Vale dos Alpes — Catarata.
(Entra Manfredo)

MANFREDO

Ainda o sol não tocou o zênite; seus raios descrevem sobre a torrente um arco brilhante de todas as cores do céu, e em cascatas de prata cai a coluna de água sobre a perpendicular da rocha, agitando de um para outro lado seus feixes de espuma luminosa, como ao vento ondulava a cauda do ginete branco que cavalgava a Morte, do corcel gigante descrito no Apocalipse. À exceção dos meus, outros olhos não se fartam, neste momento, de tão majestoso espetáculo. Só nesta doce solidão, posso compartilhar com o Gênio deste lugar a homenagem destas ondas... Chamemo-lo.

(Deita uma pouca d'água na palma da mão, e a atira aos ares murmurando a imprecação mágica. Depois de um momento de

silêncio aparece a Fada dos Alpes debaixo do arco-íris da torrente)

Vem, espírito formoso! Com teus cabelos de luz e olhos deslumbrantes de glória, em cujas formas os encantos das filhas da terra menos mortais crescem numa essência de elementos mais puros, em proporções quase divinas! Vem, no teu rosto celeste refulgem as cores da juventude, ofuscando a beleza do arco-íris que sobre ti se curva... encarnadas como as faces da criança adormecida no seio materno, embalada pelas pulsações do coração que a estremece; ou como o closier que o crepúsculo do estio deixa sobre a neve ainda virgem das geleiras, rubor pudico da terra ao receber as carícias do céu! Espírito formoso! Em tua fronte serena e pura, onde reflete essa placidez d'alma que por si só revela tua imortalidade, eu leio que perdoarás que um filho da terra, com quem as potências mais misteriosas se dignam às vezes comunicar, se aproveite de seus mágicos segredos para evocar-te assim, e um momento contemplar-te.

A FADA

Filho da terra! Conheço-te... como conheço as potências que te dão a faculdade de evocar-me; conheço-te por um homem de fecundos pensamentos e de feitos bons e maus, nuns e noutros extremado, fatal a si e aos outros. Eu te esperava... Que queres tu de mim?

MANFREDO

Contemplar-te a beleza... nada mais. O aspecto da terra enlouqueceu-me; em seus mistérios procuro um refúgio e penetro

até a morada dos espíritos que nela imperam... mas eles em nada me auxiliam. Pedi-lhes o que me não puderam dar, e agora nada mais lhes peço.



A FADA

Que pedido não podem satisfazer os que tudo podem, os que regem

o mundo invisível?

MANFREDO

Há um; mas para que repeti-lo? Fora em vão.

A FADA

Ignoro-o; digam-mo teus lábios.

MANFREDO

Bem; é mais uma tortura; não importa... minhas dores acharão eco. Desde a mocidade que meu espírito não se harmonizava com o dos homens, nem com olhos humanos olhava para a terra; a sede de sua ambição não era a minha, o fim de sua existência não era o meu, minhas alegrias, minhas dores, minhas paixões, meu gênio faziam-me um estranho no mundo; posto tivesse a mesma forma, não tinha simpatia alguma pela carne que respira, e entre as criaturas de barro que me cercavam... houve apenas uma que... mais tarde dela falarei.

Dizia eu que com os homens e suas ideias era apenas ligeira a minha comunhão; ao contrário meu prazer era estar na solidão, respirar o ar difícil no topo das montanhas toucadas de gelo — onde não ousam os pássaros fazer seus ninhos, e em cujo granito sem ervas jamais roçam as asas dos insetos; ou então, mergulhar-me na torrente e rolar com o rápido turbilhão das vagas sobre os seios dos rios ou do oceano. Era nisso que exultavam minhas forças juvenis... ou ainda em seguir à noite a marcha luminosa da lua e o curso brilhante das estrelas; ou contemplar os fúlgidos relâmpagos até os

olhos ficarem-me ofuscados, ou, enfim, ver e escutar a queda das folhas, quando à tarde os ventos do outono murmuravam seus cantos... Tais os meus passatempos; sempre estar só; porque às vezes encontrava um desses seres em cujo número me horrorizava de contar-me, sentia-me descer de novo até o homem, e com ele era todo argila de novo.

E depois, nos meus devaneios solitários, descia ao fundo das cavernas da morte procurando-lhe as causas nos efeitos, e dessas ossadas, e desses crânios mirrados, e desse pó amontoado tirava as mais proibidas ilações.

Depois, anos inteiros, passei as noites no estudo das ciências ocultas só aprendidas na Antiguidade; e à força de tempo e de trabalho, de horríveis provanças e penitência tal que por si exerce soberania sobre o ar e os espíritos que cercam o ar e a terra, o espaço e o infinito povoado, familiarizei meus olhos com a Eternidade, como outrora os Mágicos, e esse filósofo que, nas fontes de Gadara, do seio das ondas evocara Eros e Anteros, como hoje te evoco⁵. Enfim, com a ciência cresceu-me a sede da ciência, e o poder e a alegria dessa brilhantíssima inteligência, até que...

A FADA

Prossegue.

MANFREDO

Oh! Tenho assim prolongado minha história gabando esses vãos

atributos, porque à medida que me aproximo do âmago de meu coração magoado... mas prossigamos. Não te falei em pai ou mãe, ou amante, ou amigo ou outro ente a quem fosse unido pelos laços da humanidade. Se esses laços para mim existiram, nunca foram reais a meus olhos. Houve, porém, uma mulher...

A FADA

Não te poupes, prossegue...

MANFREDO

Era ela como eu nas feições... diziam-no... como os meus, eram seus olhos, seus cabelos, seus traços, tudo isso nela era mais doce e realçado pela graça da beleza. Tinha, como eu, os mesmos pensamentos solitários, as mesmas aberrações, a mesma sede das ciências ocultas, e um espírito capaz de compreender o Universo: não só isso, mas poderes mais delicados que os meus, — piedade, sorrisos e lágrimas que eu não tinha; e ternura... que só por ela tive; e humildade... que nunca tive. Seus defeitos eram os meus... suas virtudes, dela somente... Amei-a e dei-lhe a morte...

A FADA

Por tuas mãos?

MANFREDO

Não; mas pelo coração... que dilacerou seu coração... sua alma viu minha alma e definhou-se. Derramei sangue, mas não o sangue dela... e, contudo, sangue seu foi derramado... vi-o correr e não pude

estancá-lo.

A FADA

E, por isso... por uma filha da raça que desprezas e acima da qual queres elevar-te para te unires a nós e aos nossos, esqueças os dons da nossa ciência sublime para outra vez caíres nos laços vis da mortalidade! Loucura!

MANFREDO

Filha do ar! Digo-te que desde aquela hora... mas a palavra não é mais um sopro vão... Vem ver-me dormindo ou acompanhar-me nas vigílias... Vem, assenta-te a meu lado. A minha solidão já não é solidão, porém um povoado de fúrias... de noite levo nas trevas a ranger os dentes até o amanhecer; de dia, a maldizer-me até o pôr do sol; imploro a loucura como uma felicidade... negam-ma. Tenho afrontado a morte... mas na luta cruel dos elementos, as ondas recuavam ante mim, e os perigos passavam sem se ofender... a mão gelada de um demônio desapiedado me detinha, sim, por um só cabelo que jamais se quis partir. Na fantasia, na imaginação tão fecunda, tão rica, outrora um Creso em criações... tenho-me mergulhado profundamente; mas como a vaga que se retrai, ela me há feito retroceder para o abismo insondável do pensamento. Hei-me atirado à sociedade dos homens... buscando o esquecimento em tudo, menos onde ele se deve achar... e é isso que me resta aprender... Meu saber... meu estudo aturado das ciências sobrenaturais, tudo falha-me aqui... é uma arte mortal... Vivo no desespero... e vivo... vivo para sempre!

A FADA

Talvez eu te possa ser útil.

MANFREDO

Para isso importa que evoques os mortos, ou com eles me faças dormir. Dá-me a morte... não me importa a forma, a hora, o sofrimento, contanto que sejam os derradeiros.

A FADA

Não cabe em meu poder isso que pedes; mas se à minha vontade juras obedecer, fazer o que te ordenar, poderei satisfazer os teus desejos.

MANFREDO

Eu jurar!... obedecer!... e a quem?... a espíritos que obrigo a comparecerem ante mim... Ser eu escravo daqueles que têm estado às minhas ordens?... Nunca!

A FADA

É isso tudo? Não tens resposta menos rude para dar-me? Pensa e reflete antes de rejeitares a minha oferta.

MANFREDO

Tenho dito.

A FADA

Basta! Posso então retirar-me...

MANFREDO

Retira-te!

(Desaparece a fada)

MANFREDO (SÓ)

Somos o ludibrio do tempo e do terror: despercebidos passam os dias e nós passamos com eles; entretanto, vivemos aborrecendo sempre a vida e sempre temendo a morte. Enquanto suportamos este detestado jugo... este fardo da vida, sob o qual debate-se o coração esmagado pela dor, ansiando de pesar ou de alegria que termina por agonias ou desfalecimentos... em todos os nossos dias, passados e futuros... porque na vida não há presente... quão poucos... quão menos que poucos... podemos contar os dias em que a alma deixa de desejar a morte! E entretanto recua diante dela, como ante um rio gelado pelo inverno, posto seja apenas momentânea a impressão do frio.

Em minha ciência, porém, tenho ainda um recurso... posso evocar os mortos e perguntar-lhes o que é isso que tanto tememos ser... Quando muito terei em resposta o túmulo... e o túmulo é nada... Se não me responderem... mas o Profeta que a terra esconde respondeu à Pitonisa de Endor; mas o Rei Espartano arrancou do vigilante espírito da virgem de Bizâncio a revelação do seu destino. Sem o saber, assassinara aquela a quem amava e, embora chamasse em seu auxílio Júpiter Phyxiano, embora na Figália

provocasse os mágicos da Arcádia a obrigarem a sombra indignada a renunciar a cólera ou a fixar um termo à sua vingança, morreu sem ter o seu perdão... Ela respondeu-lhe, sim, com palavras de dúbio sentido, mas que se cumpriram... Se eu nunca tivera vivido, aquela que amo viveria ainda; se nunca eu a tivera amado, aquela que amo, seria ainda bela... e feliz... e fora a felicidade de outrem. Que é ela?... que é ela agora?... uma vítima de meus crimes... coisa que não ousa pensar... ou nada! Dentro em pouco não clamarei em vão... e contudo neste momento temo o que tanto ousa afrontar: até hoje nunca me aterrou olhar para espírito algum bom ou mau... agora, porém, tremo e sinto no coração estranho frio glacial. Mas ainda posso fazer o que mais abomino, e arrostar todos os temores humanos. A noite se aproxima. Vamos. *(Sai)*

CENA TERCEIRA

Topo da montanha de Jungfrau
(Entra o 1º Destino)

O 1º DESTINO

Aí vem despontando a lua brilhante e cheia! Aqui... sobre estas neves, onde nunca pisou pé de mortal algum vulgar, caminhamos todas as noites sem deixar vestígios... deslizando-nos pelos rudes parcéis deste mar encapelado, deste vítreo oceano de montanhosos gelos, tão semelhante à espuma da tempestade que rola das nuvens e de chofre se congela... imagem de um redemoinho surpreendido pela morte. Este cimo tão íngreme e fantástico, obra do cinzel de

algum terremoto, onde às nuvens perpassando pousam para descansar, é consagrado às nossas orgias ou vigílias. Espero aqui minhas irmãs para irmos juntas ao palácio de Arimanes⁶, porque esta noite celebra-se a nossa grande festa... Quanto se demoram elas!

UMA VOZ (CANTANDO AO LONGE)

O usurpador cativo⁷ expulso de seu trono jazia sepultado em torpor, esquecido e só; despertei-o, quebrei-lhe as cadeias, dei-lhe exército imenso... ei-lo de novo um tirano... mas ele há de compensar os meus cuidados com o sangue de um milhão de homens, com a ruína de uma nação, com sua própria fuga e desespero.

SEGUNDA VOZ (DE FORA)

Vagava o navio sulcando as ondas ligeiro; mas não lhe deixei uma vela, um só mastro; na quilha ou no convés não lhe ficou uma prancha; nem um só infeliz sobreviveu para chorar-lhe o naufrágio. Salvei unicamente a um dos marinheiros, sustentando-o pelos cabelos quando nadava; mas esse era bem digno de meus cuidados; traidor em terra, pirata no mar... todavia salvei-o para sobre mim descarregar ulteriores males.

O 1º DESTINO (RESPONDENDO)

Dorme a cidade; quando a aurora raiar, há de achá-la chorando: lenta e sinistra sobre ela rebentou tremenda peste... milhares de vítimas dormem já nos túmulos, dezenas de milhares lá dormirão ainda!... Os vivos fugirão dos doentes a quem devem consolar; mas nada poderá impedir o contágio que os mata. A dor e o desespero, a

doença e o terror envolvem a nação inteira... Felizes os que morrem, que não veem o espetáculo da própria desolação... Esse ato de uma noite, essa ruína de um reino... essa obra de minhas mãos!... tenho-a reproduzido em todos os séculos e hei de reproduzi-la sempre!

(Entra o 2º e o 3º Destino)

TODOS OS TRÊS

Temos nas mãos os corações dos homens; servem-nos de escabelos seus túmulos: a nossos escravos damos a vida só para depois tirá-la!

O 1º DESTINO

Salve! Onde está Nêmesis?

O 2º DESTINO

Ocupada em alguma obra importante, mas de qual natureza ignoro, porque estava também absorta na minha ocupação.

O 3º DESTINO

Ei-la que vem.

(Entra Nêmesis)

O 1º DESTINO

Onde estiveste? Minhas irmãs e tu tardastes muito esta noite.

NÊMESIS

Estive a reconstruir tronos; a casar imbecis; a restaurar dinastias, a vingar os homens de seus inimigos e a fazê-los arrepender-se de sua própria vingança; a atormentar os sábios a ponto de os enlouquecer; a inspirar aos estultos novos oráculos para governarem o mundo, porque os velhos já estavam fora de uso e os homens ousavam pensar por si, pesar os reis na balança e falar de liberdade... esse fruto proibido. Partamos!... já deixamos passar a hora... montemos nossas nuvens.

CENA QUARTA

Palácio de Arimanes, que, rodeado dos Espíritos, está sentado num globo de fogo, que lhe serve de trono.

(Hino dos Espíritos)

Salve, Monarca! Príncipe da terra e do ar! Que caminhas sobre as nuvens e as águas, e tens na dextra o cetro dos elementos, que à tua voz se reduzem a um caos! Se respiras, revolta a tempestade agita o oceano... se falas, respondem-te as nuvens em trovões; se olhas, ante o teu olhar fogem os raios do sol... se te moves, a terra treme e se faz pedaços. Debaixo de teus pés rebentam os vulcões; tua sombra é a peste; teu curso, proclamam-no os cometas nos céus crepitantes; e os planetas ante a tua cólera se reduzem a cinzas. A guerra diariamente te oferece sacrifícios! Tributos paga-te a morte, e a vida com toda a sua infinidade de dores te pertence... és enfim a alma de toda a criação.

(Entram os Destinos e Nêmesis)

O 1º DESTINO

Glória à Arimanes! Seu poder na terra cada dia mais se aumenta. Minhas irmãs já cumpriram suas ordens, e eu não me descuidei do meu dever.

O 2º DESTINO

Glória à Arimanes! Nós que aos pés calcamos a cerviz dos homens, diante do seu trono nos curvamos!

O 3º DESTINO

Glória à Arimanes! Aguardamos aqui um sinal de sua vontade!

NÊMESIS

Soberano dos Soberanos! Somos todos teus vassalos e tudo quanto vive é nosso em parte, e quase tudo o é completamente; todavia, para aumentar o nosso poder, aumentando o teu, é-nos precisa muita solicitude, e para isso a nada nos poupamos!... Tuas últimas ordens já foram fielmente cumpridas.

(Entra Manfredo)

O 1º ESPÍRITO

Quem está aqui? Um mortal!... Temerário infeliz, dobra os joelhos e adora!

O 2º ESPÍRITO

Eu conheço este homem... é um mágico de grande força e tremendo saber!

O 3º ESPÍRITO

Curva-te e adora, escravo!... Que! Não reconheces o teu e nosso Soberano!... Treme e obedece!

TODOS OS ESPÍRITOS

De joelhos! De joelhos, filho da terra! Ou teme o pior dos castigos!

MANFREDO

Conheço o vosso poder; e, contudo, vedes que não me prostro.

O 4º ESPÍRITO

Nós te ensinaremos.

MANFREDO

Demais o hei aprendido... muitas noites hei deitado, neste mundo, o rosto sobre a terra árida... e coberto de cinzas a cabeça! Muitas noites hei já conhecido a plenitude da humilhação prostrando-me ante o meu inútil desespero, e ajoelhando-me ante a minha desventura!

O 5º ESPÍRITO

Ousas então recusar a Arimanes, em seu trono, o que toda a terra

lhe concede, sem vê-lo, no terror de sua glória?... Roja-te!... eu to ordeno.

MANFREDO

Ordena a ele que se curve a seu Superior, ao Infinito e Supremo Regulador de tudo... ao Criador que não o fez para ser adorado... ajoelhe-se ele e nós nos ajoelharemos também.

OS ESPÍRITOS

Esmaguemos este verme! Façamo-lo em pedaços!...

O 1º ESPÍRITO

Detende-vos! Afastai-vos!... Ele é meu. Príncipe das potências invisíveis! Este homem não é um homem vulgar, como vô-lo denota seu aspecto e sua presença aqui, seus sofrimentos têm sido, como os nossos, de natureza imortal; sua ciência, seus talentos, sua vontade, até onde permite a argila que guarda a etérea essência, têm sido tais como raro há contido o invólucro humano; suas aspirações elevaram-se acima dos habitantes da terra, e lhe ensinaram somente o que sabemos... que a ciência não é a felicidade, mas apenas a permuta de uma ignorância por outra. E isto não é tudo... as paixões, esses atributos da terra e dos céus, dos quais nenhum poder, nenhum ser, a partir do verme, é jamais isento, hão-lhe devorado o coração; e tem-no feito uma coisa tal que eu, que não sei o que seja piedade, perdoo aos que lha têm. Ele é meu, e porventura teu também... seja-o ou não, nenhum outro espírito nesta região tem uma alma como a dele... ou poder sobre sua alma.

NÊMESIS

Que faz então aqui?

O 1º ESPÍRITO

Responda-te ele mesmo.

MANFREDO

Sabeis que mistérios hei penetrado, e sem um poder sobrenatural eu não estaria entre vós: mas há poderes ainda maiores... Venho à sua procura para que respondam ao que busco saber.

NÊMESIS

Que queres?

MANFREDO

Tu não podes satisfazer-me... Evoca aos mortos... a eles é que quero interrogar.

NÊMESIS

Grande Arimanes, dás que sejam satisfeitos os desejos deste mortal?

ARIMANES

Sim.

NÊMESIS

Quem queres exumar?

MANFREDO

A que não teve túmulo... Astarteia.

NÊMESIS

Sombra ou espírito! O que queres que sejas, que conservas ainda parte ou o todo da forma com que nasceste, do invólucro de barro que à terra restituíste, — reaparece ao dia! Vem tal qual eras, com o mesmo coração, com a mesma forma, com o mesmo aspecto; redime-te dos vermes! Aparece!... aparece!... aparece!... Quem para aí te enviou te requer aqui!...

(Ergue-se o fantasma de Astarteia, que fica em pé no meio dos Espíritos)

MANFREDO

Pode ser isto a morte? Há rubor em suas faces, mas não é a cor de quem vive, e sim um vermelho héctico estranho como o vermelho não natural que o outono imprime nas folhas mortas... É ela mesma! Oh, Deus! E por que hei de eu tremer ao vê-la?... Astarteia!... Não; não lhe posso falar. Dize-lhe que me fale, que de seus lábios me caia o perdão ou a condenação...

NÊMESIS

Pelo poder que abriu o túmulo que te encerrava, fala ao que interpela

ou aos que te evocaram.

MANFREDO

Está muda!... e essa mudez é mais do que uma resposta.

NÊMESIS

Meu poder não vai mais longe... Príncipe do ar! Só tu podes mais... manda que ela fale.

ARIMANES

Espírito!... obedece a este cetro!...

NÊMESIS

Muda ainda! Não é nossa; pertence a outras potências. Mortal! Os teus desejos são inúteis e contigo estamos nós ludibriados.

MANFREDO

Ouve-me, ouve-me... Astarteia! Minha amada! Fala-me! Tenho sofrido tanto!... Sofro tanto!... Olha para mim! O túmulo não te há demudado mais do que eu o estou por tua causa. Tu muito me amaste, tanto quanto eu te amei: oh! Não fomos feitos para torturar-nos assim, por mais culpados que tenhamos sido por nos termos amado como nos amamos. Dize que não me odeias... que sofro este castigo por nós ambos... que viverás entre os bem-aventurados... e que eu hei de morrer, pois que até agora tudo quanto há odioso neste mundo se conspira para prender-me aos elos da cadeia da

existência... numa vida que me faz encarar a imortalidade com horror... como um futuro semelhante ao passado.

Para mim não há mais descanso! Não sei o que peço, nem o que procuro: sinto apenas o que és... e o que sou: e antes de morrer quisera ainda uma vez ouvir a voz que era outrora a minha melodia... Fala-me!... porque tenho te chamado em vão no silêncio da noite; porque tenho acordado os pássaros adormecidos sob a silenciosa folhagem; porque tenho despertado os lobos nas montanhas; porque tenho ensinado os ecos das cavernas a repetirem o teu nome, e eles me hão respondido... tudo me há respondido..., os espíritos... os homens... tu, só tu te conservas muda! Fala-me!... que hei velado mais do que as estrelas e em vão têm meus olhos te procurado nos céus!... Fala-me!... que tenho errado pela terra, e nada ainda encontrei que contigo se pareça!...Fala-me!... Vê estes demônios que nos cercam...eles simpatizam com a minha dor: eu não os temo, e só por ti sofro... Fala-me! Embora seja irada! Dize alguma coisa... não me importa o que... mas deixa-me ouvir-te ainda uma vez... só esta... esta só!....



O FANTASMA

Manfredo!

MANFREDO

Prossegue! Prossegue! Que eu só vivo no som desta voz... e ela é a tua voz mesma!...

O FANTASMA

Manfredo! Amanhã terminarão teus sofrimentos terrestres. Adeus!

MANFREDO

Mais uma só palavra: estou perdoado?

O FANTASMA

Adeus!

MANFREDO

Dize... ver-nos-emos ainda?

O FANTASMA

Adeus!

MANFREDO

Uma palavra por piedade! Dize que me amas, Astarteia.

O FANTASMA

Manfredo! (*Desaparece*)

NÊMESIS

Foi-se! E não é possível evocá-la outra vez; suas palavras hão de cumprir-se. Volta à terra.

UM ESPÍRITO

Que convulsões! Justa punição do mortal que quer penetrar segredos que estão além de sua natureza.

OUTRO ESPÍRITO

Mas, vê, ele se domina e a vontade subjuga os sofrimentos. Se fora um espírito, como nós, seria de formidável poder.

NÊMESIS

Tens outra pergunta que fazer ao nosso grande Soberano ou a seus adoradores?

MANFREDO

Nenhuma.

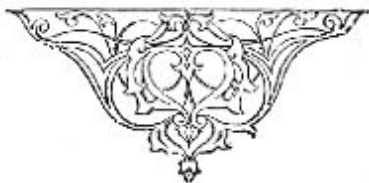
NÊMESIS

Então adeus por algum tempo.

MANFREDO

Ver-nos-emos outra vez? Onde? Na Terra?... Onde e como quiseres.
Pela graça que me concedestes parto agradecido. Adeus!

(Sai)



ATO TERCEIRO

CENA PRIMEIRA

Sala no castelo de Manfredo
Manfredo e Hermann

MANFREDO

Que horas são?

HERMANN

Mais uma e o Sol se terá posto; tudo promete delicioso serão.

MANFREDO

Está tudo disposto na torre como ordenei?

HERMANN

Tudo, Senhor; aqui está a chave e a caixinha.

MANFREDO

Bem; podes retirar-te. (*Hermann retira-se*)

MANFREDO (SÓ)

Sinto uma calma... uma tranquilidade inexplicável, que nunca até agora conheci na vida.

Se não soubesse que a filosofia é a mais fútil de todas as vaidades

humanas, de todas as palavras a mais vazia de sentido, com que a
algaravia de nossas escolas nos há imbuído os ouvidos, eu pensara
ter enfim achado o segredo do ouro, a pedra filosofal tão procurada,
e que sua sede era em minha alma. Este estado não durará muito;
mas já não é pouco tê-lo conhecido ainda que uma vez só; ele me
há enriquecido o espírito de novo sentido e em meu livro de
lembranças notarei que existe mais este sentimento. Quem está aí?
(Entra Hermann, outra vez)

HERMANN

Senhor, o Abade de S. Maurício ardentemente deseja falar-vos.
(Entra o Abade)

ABADE

A paz seja com o Conde Manfredo.

MANFREDO

Graças, meu santo Padre! Sê bem-vindo a este castelo; tua
presença o honra, e felicita os que o habitam.

ABADE

Prouvera Deus, Conde, que assim fosse! Mas desejava conversar a
sós convosco.

MANFREDO

Retira-te, Hermann... Que me queres, meu reverendo hóspede?

ABADE

Sem prelúdios: minha idade e meu zelo, meu ministério e bons intentos desculparão a liberdade que tomo; invoco para isso também a minha qualidade de vizinho, embora nos não comuniquemos. Estranhos rumores e de ímpia natureza correm e se ocupam do vosso nome tão ilustre há tantos séculos... oh! Possa ele por quem hoje o possui ser transmitido sem mancha a seus descendentes!...

MANFREDO

Continua... eu te escuto.

ABADE

Dizem que vos dedicais a estudos proibidos às investigações do homem; que vos correspondeis com os habitantes de sombrias moradas, com esses muitos espíritos malfazejos e ímpios que erram pelo vale da sombra da morte. Sei que raras vezes trocáis vossas ideias com o mundo e com os vossos semelhantes, e que à solidão em que viveis, para ser a de um anacoreta, só lhe falta ser santa.

MANFREDO

E quem tal diz?

ABADE

Meus pios irmãos... os camponeses aterrados... os vossos próprios

vassalos... que vos contemplam com olhos inquietos. Vossa vida, senhor, está em perigo.

MANFREDO

Pois tira-ma.

ABADE

Venho salvar e não destruir... Não quero perscrutar o íntimo de vossa alma, mas se tudo isso que se diz é verdade... tempo é ainda de vos arrependerdes e obterdes perdão, reconciliai-vos com a verdadeira Igreja e com o céu pela intervenção dela.

MANFREDO

Ouvi-te. Ouve agora a minha resposta: o que quer que hei sido ou sou, só o sabe o céu e sei eu só... não procurei mortal algum para meu medianeiro. Tenho transgredido tuas leis? Prova-o e pune-me.

ABADE

Filho! Eu não falei em punição, mas em penitência e perdão... a vós mesmo fica a escolha... Quanto ao perdão, nossas instituições e nossa fé inalterável dão-me o poder de aplainar ao pecador o caminho para esperanças mais altas e melhores pensamentos; e quanto à punição, essa pertence ao céu... “a vingança é minha só” diz o Senhor, e com toda humildade repete o seu servo essas tremendas palavras.

MANFREDO

Velho! Não há poder nos ministros de Deus... nem encanto nas preces... não há formas expiatórias de penitência... nem contrição de semblante... nem jejuns... nem agonias... nem, mais do que tudo isso, íntimas torturas desse profundo desespero que é o remorso sem o temor do inferno, mas que por si mesmo fora bastante para fazer do céu um inferno... nada, nada há capaz de exorcizar da alma ilimitada o sentimento vivo de seus próprios pecados, de seus crimes, de seus sofrimentos, de sua vingança sobre si mesma; não há suplício de além-túmulo que possa igualar a justiça que ela a si própria inflige quando se condena e pune.

ABADE

Tudo isso é bom, porque há de passar e ser sucedido por uma esperança salutar que fará vossa alma remontar com calma e confiança a essa mansão afortunada, franqueada a todos que a procuram, quaisquer que tenham sido seus erros na terra, contanto que sejam expiados; e o começo dessa expiação está no sentimento de sua necessidade... Falai... e tudo que a nossa Igreja pode ensinar, ser-vos-á ensinado; tudo que pudermos absolver, vos será absolvido.

MANFREDO

Quando o 6º Imperador de Roma, vítima de uma ferida que a si infligira com a própria dextra para subtrair-se aos tormentos da morte pública que lhe preparavam os Senadores, há pouco seus

escravos, — viu prestes sua última hora, um soldado com aparências de sincera piedade quis com seu oficioso manto estancar o sangue que em borbulhões golfava da garganta do Imperador. O Romano, expirando, repeliu-o e lançando-lhe um olhar em que luzia ainda um reflexo do seu antigo poder, lhe disse: “É muito tarde!... é esta a tua fidelidade?”

ABADE

E que queres dizer com isso?

MANFREDO

Respondo como o Romano — “é tarde, muito tarde!...”

ABADE

Nunca pode ser tarde para vos reconciliardes com vossa alma, e reconciliar-se a alma com o céu. Não tendes então mais esperança? Admira!... aqueles mesmos que desesperam do céu, criam na terra ilusões a que se agarram, como agarram-se os afogados ao frágil lenho.

MANFREDO

Sim... Padre! Tive na mocidade essas ilusões terrestres, essas aspirações nobres de assenhorear-me da vontade dos outros homens, de ser o farol das nações, de elevar-me não sei até que ponto... para cair talvez... mas para cair como a catarata das montanhas que, tendo desabado da mais espantosa altura às

profundezas de espumoso abismo daí fazendo ainda jorrar para o céu colunas de pó que feito em nuvens desfaz-se logo em chuva, — jaz por terra... mas poderosa sempre... Este tempo, porém, já passou, e minhas esperanças também já passaram!

ABADE

E por quê?

MANFREDO

Porque não pude contrafazer a minha natureza... porque para mandar é preciso obedecer... lisonjear... pedir... espreitar as ocasiões... intrometer-se em toda parte... ser uma mentira viva... é assim que deve proceder quem quer ser poderoso entre os seres abjetos de que se compõe a generalidade dos homens: eu, eu não me dignei de fazer parte de um rebanho de lobos... embora como chefe. O leão é só, e eu sou como o leão.

ABADE

E por que não viver e tratar com os outros homens?

MANFREDO

Porque a minha natureza era adversa a esta vida... e entretanto eu não era cruel, pois que jamais quis formar um deserto, mas encontrar algum onde —só — pudesse descansar... Como o sopro abrasador do mais solitário simoun, que habita somente no deserto, e varre as estéreis areias onde não cresce arbusto, e, deliciando-se

em suas vagas selvagens e áridas, a ninguém procura se o não procuram, mas é fatal a quem encontra... assim, há sido o curso de minha existência, mas coisas tenho encontrado em minha passagem que já não existem.

ABADE

Ah! Começo a temer que já vos não possam ser úteis o meu auxilio e o do meu ministério; todavia, tão moço, eu quisera ainda...

MANFREDO

Olha para mim! Há na terra homens que envelhecem na juventude, e morrem antes da meia-idade, sem ser nas convulsões da guerra: uns sucumbindo vítimas dos prazeres, outros dos estudos... estes de excesso de trabalho... aqueles de tédio... alguns de doença... outros de demência... e outros enfim de fundas mágoas no coração... moléstia que, revestindo todas as formas e tomando nomes diferentes, mata mais do que está escrito no livro do destino.

Contempla-me! Que por todas essas desventuras hei passado, e numa só bastara para dar a morte a um homem. Não te admires, portanto, que eu seja o que sou, mas que tenha podido assim viver, ou que, tendo assim vivido, ainda exista na terra.

ABADE

Contudo... ouvi-me ainda...

MANFREDO

Velho! Respeito teu ministério, venero tuas cãs, e creio na piedade de tuas intenções, mas tudo isto é baldado, não me julgues capaz de faltar-te ao respeito, é por querer poupar-te, muito mais do que a mim próprio, que deixo de conversar por mais tempo. Adeus! (Sai)

ABADE

Este homem deve ter sido uma alma nobre; tem toda a energia que houvera produzido um belo todo de elementos gloriosos, se tivessem sido sabiamente combinados; mas tal qual é hoje, é um caos tremendo... um misto de luz e de trevas... de alma e de pó... de paixões e de pensamentos sublimes, em luta desordenada e sem termo, ora dormentes, ora destruidores. Ele vai morrer... entretanto não devia; farei nova tentativa, porque almas tais merecem bem ser remidas; e meu dever é tudo arrostar para obter tão justo fim. Eu o seguirei... mas com cautela, e espero ser bem sucedido. (Sai)

CENA SEGUNDA

Outra câmara

Manfredo e Hermann

HERMANN

Senhor, ordenastes-me que viesse ao pôr do sol; ei-lo que se esconde por trás das montanhas.

MANFREDO

Sim?... Vou contemplá-lo (*encaminhando-se para a janela da câmara*). Astro glorioso! Ídolo, — na infância do mundo, — dessa vigorosa raça do gênero humano ainda pura de toda mácula... desses gigantes filhos dos amores dos anjos com um sexo mais belo que o deles⁸, que do céu fez descer esses espíritos errantes para não mais voltarem... adeus! Gloriosíssimo Astro! Que foste adorado antes de ser revelado o mistério de tua criação! Primeiro ministro do Onipotente, que alegraste os corações dos pastores da Caldeia, no píncaro de suas montanhas, até se expandirem em súplicas! Deus material! Representante do Desconhecido... que te escolheu para sua sombra! Estrela soberana! Centro de milhares de estrelas! Que tornas a terra suportável, e retemperas as cores e os corações de tudo que vive sob a influência de teus raios, adeus!... Monarca dos climas e dos que neles habitam, que imprimes o reflexo teu nas inspirações do nosso espírito, como nos traços dos nossos rostos! Rei das estações! Que te alevantas e brilhas e desapareces sempre com pompa, adeus! Nunca mais eu te verei! Assim como foi por ti o meu primeiro olhar de amor e veneração, assim recebe agora o derradeiro: jamais raiarás para mortal algum a quem tenha sido mais fatal o dom da vida e do calor! Atufou-se: eu o sigo. (*Sai*)

CENA TERCEIRA

Montanha: a alguma distância o castelo de Manfredo. — Terraço em frente de uma torre. — É lusco-fusco.

Hermann, Manuel e outros fâmulos de Manfredo

HERMANN

É bem singular! Há muitos anos passa o Conde Manfredo todas as noites a velar nesta torre e sem uma testemunha sequer. Aí já penetrei... e todos temos penetrado mais de uma vez, mas dessa torre e do que nela se contém nunca absolutamente pudemos concluir coisa alguma a respeito da natureza dos estudos a que ele se entrega. É certo que há uma câmara onde ninguém entra: eu daria três anos dos meus salários para perscrutar-lhe os mistérios.

MANUEL

Fora perigoso; contenha-te com o que já sabes.

HERMANN

Ah! Manuel! Tu és velho e experiente, e bem podias revelar-nos muita coisa; moras dentro do castelo... há quantos anos?

MANUEL

Antes de nascer o Conde, eu já servia a seu pai, com quem ele em nada se parece.

HERMANN

O que se pode dizer a respeito de muitos outros filhos. Mas em que diferem eles?

MANUEL

Não falo das feições ou das formas exteriores, mas do caráter e dos hábitos. O Conde Sigismundo era altivo... mas alegre e franco... guerreiro e folgazão; não vivia solitário, nem com os livros; não fazia das noites lúgubres vigílias, senão horas festivas, mais alegres que as do dia; não percorria como lobo as rochas e as florestas, nem fugia dos homens e de seus prazeres.

HERMANN

Mal de mim hoje! Aqueles é que foram tempos felizes! Quem dera tornassem ainda a estes velhos muros que parece terem-nos já esquecido!

MANUEL

Fora preciso primeiro mudarem de senhor. Oh! Neles tenho visto, Hermann, coisas extraordinárias!

HERMANN

Vamos... sê bom amigo: conta-me algumas para entretermos o tempo. Ouvi-te falar vagamente de um caso sucedido por aqui algures... por essa mesma torre.

MANUEL

Foi numa noite... sim! Lembra-me bem... foi ao pôr do sol... como agora... uma nuvem avermelhada, como a que descansa neste momento no cume do Eiger, lá estava então... tão semelhante que

parece a mesma; o vento era fraco e por instantes tempestuoso, a neve das montanhas começava a brilhar ao alvo clarão da lua que se alevantava; então, como agora, estava o Conde Manfredo dentro da torre... ocupado em que não o sabíamos; como ele estava a companheira única de seus delírios e vigílias... a única de todas as criaturas vivas na terra que ele parecia amar... como devia amar pelos laços de sangue; Astarteia... era a sua... Chiton! Quem vem lá? *(Entra o Abade)*

ABADE

Onde está teu amo?

HERMANN

Ali... na torre.

ABADE

Tenho urgência em falar-lhe.

MANUEL

É impossível. Está só e a ninguém é permitido agora lá entrar.

ABADE

Tomo sobre mim semelhante falta, se o é... mas devo falar-lhe.

HERMANN

Já o vistes uma vez esta tarde.

ABADE

Hermann! Eu te ordeno... bate e anuncia-me ao Conde!

HERMANN

Nenhum de nós ousaria fazê-lo.

ABADE

Então irei eu mesmo anunciar-me.

MANUEL

Reverendo, detende-vos! Detende-vos! Eu vos peço.

ABADE

Por quê?

MANUEL

Vinde por este lado e eu vos direi mais.

CENA QUARTA

Interior da torre

MANFREDO (SÓ)

Já no firmamento brilham as estrelas, e a Lua aparece na crista das montanhas coroadas de neve.

Que formoso espetáculo! Demoro-me sempre em ar a natureza, porque estou mais habituado a ver a face da noite do que a face do homem, e na lúgubre e solitária beleza de sua estrelada sombra aprendi a linguagem de outro mundo. Lembra-me que ainda bem jovem, em minhas viagens... numa noite como esta achei-me no interior do Coliseu, no meio das principais relíquias da tão poderosa Roma; as árvores que havia ao longo dos arcos quebrados balançavam sua negra folhagem no azul escuro da noite, e as estrelas brilhavam através das frestas das ruínas. Ao longe, do outro lado do Tibre latiam os cães; e, mais perto, do palácio dos Césares vinha o grito prolongado do mocho, e, de vez em quando, começava e no ligeiro sopro da brisa se perdia o brado irregular das longínquas sentinelas. Além das brechas abertas pelo tempo, viam-se alguns ciprestes marginar o horizonte, e todavia estavam à distância de uma seta... Onde moravam os Césares e moram hoje as aves noturnas de voz sinistra, no meio de uma alameda que cresce através das ameias aluídas e enlaça suas raízes com as lareiras imperiais, a hera rasteira usurpa o lugar do loureiro... mas em pé está ainda o sangrento circo dos gladiadores — destroço ingente em ruínosa perfeição! Ao passo que as câmaras de César e os salões de Augusto jazem por terra em confusa ruína... E tu, Lua peregrina, brilhando sobre tudo isso, derramavas então uma luz ampla e melancólica que suavizava a rudeza austera e a desolação medonha dessas relíquias, e enchia o vazio dos séculos deixando sua beleza ao que era belo e aformoseando o que o não era. Então religioso entusiasmo se apoderava desta alma e o coração adorava

silenciosamente os homens de outrora... esses monarcas que, embora mortos, conservam seus cetros e do fundo de suas urnas governam ainda nossas almas... Era uma noite como esta! Admira que eu dela me lembre agora... mas hei notado que nossos pensamentos tomam voo desordenado ainda no momento em que mais profundamente se deviam concentrar.

(Entra o Abade)

ABADE

Meu bom Senhor! Desculpai-me esta segunda entrevinda; não ofenda o meu humilde zelo com a sua importunação... tudo que nele há de culpado reverta sobre mim e o que porventura houver salutar brilhe sobre vossa cabeça... pudesse em dizer — sobre vosso coração. Se com as minhas palavras ou com as minhas orações pudera eu tocá-lo... traria de novo ao bom caminho uma alma generosa e nobre que se desgarrara, mas que ainda não está de todo perdida.

MANFREDO

Tu não me conheces, meus dias estão contados, e registrados meus feitos. Retira-te ou correrá perigo a tua vida... sai!

ABADE

Não tendes intenção de ameaçar-me, Senhor.

MANFREDO

Eu, não, decerto; advirto-te somente que há perigo iminente em ficares aqui e dele quero livrar-te.

ABADE

Que quereis dizer?

MANFREDO

Olha para ali! Que vês?

ABADE

Nada.

MANFREDO

Olha bem. Agora dize-me o que vês?

ABADE

Um ser que devia fazer-me tremer, mas que não temo.

Vejo surgir da terra um espectro terrível e sombrio que parece uma divindade infernal, com o rosto envolto em um manto e o corpo como que enrolado em nuvens sinistras... vejo-o em pé, entre nós ambos, mas não o temo.

MANFREDO

Nem tens motivo para temê-lo... ele não te fará mal... mas seu

aspecto — só — pode paralisar-te os velhos membros. Repito...
retira-te.

ABADE

E eu respondo... nunca! Sem que me tenha batido com esse
demônio... Que faz ele aqui?

MANFREDO

Mas... sim... que faz ele aqui?... não o chamei... veio sem ordem
minha.

ABADE

Ah! Perdido! Que relações são as vossas com semelhantes
hóspedes? Tremo por amor de vós...

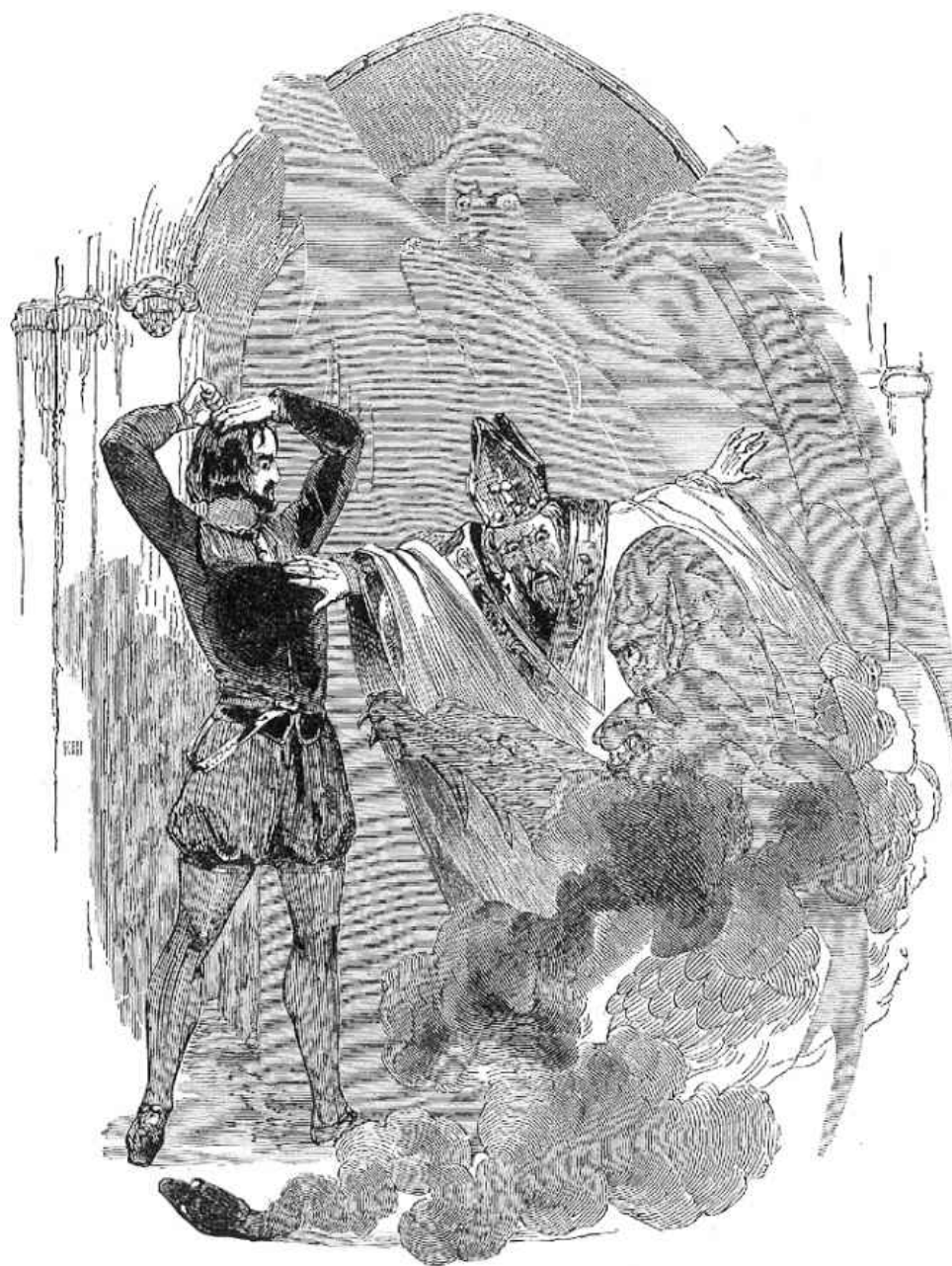
Por que um ao outro tão fixamente vos encarais? Ah! Ele se
desvenda... na fronte traz gravadas as cicatrizes do raio⁹; dos olhos
dardeja-lhe a imortalidade do inferno... longe daqui!

MANFREDO

Fala! Que missão é a tua?

O ESPÍRITO

Vem!



ABADE

Que és tu, ser desconhecido?... Responde!... Fala...

O ESPÍRITO

O gênio deste homem... Vem! É hora.

MANFREDO

Estou pronto para tudo, mas nego o poder que me chama. Quem te mandou aqui?

O ESPÍRITO

Sabê-lo-ás mais logo... Vem! Vem!

MANFREDO

Tenho dominado seres de natureza muito superior à tua, e lutado com teus senhores. Vai-te!

O ESPÍRITO

Mortal! Tua hora é chegada!... Partamos! Já te disse.

MANFREDO

Sabia e sei que é chegada a minha hora, mas não para entregar minha alma a seres como tu. Vai-te! Morrerei só, como hei vivido... só...

O ESPÍRITO

Então chamarei por seus irmãos... Aparecei! (*Outros Espíritos se levantam*)

ABADE

Ide-vos, malditos... Ide-vos... vos digo. Sois sem poder onde o tem a piedade, e eu vos conjuro em nome...

O ESPÍRITO

Velho! Sabemos o que somos, qual nossa missão; e qual teu ministério. Não gastes em práticas inúteis tuas santas palavras; fora em vão. Este homem está condenado. Ainda uma vez o chamo... Partamos... Partamos.

MANFREDO

Desafio-vos... embora sinta a alma prestes a deixar-me... sim, desafio-vos; nem daqui partirei enquanto me restar um sopro terrestre para exprimir o desprezo que vos eu voto... e forças para convosco lutar... Espíritos como sois, daqui só me arrancareis em pedaços.

O ESPÍRITO

Mortal obstinado em viver! És tu aquele mesmo mágico que queria penetrar o mundo invisível e fazer-se quase nosso igual? É possível que tenhas assim amor à vida? A essa vida que te fazia tão desgraçado?

MANFREDO

Demônio impostor!... Tu mentes!... Minha vida chegou à sua última hora... bem o sei, nem dessa hora um só momento quisera eu remir. Não luto contra a morte... mas contra ti e os anjos malditos que te cercam. Meu poder passado não foi comprado por pacto algum contigo ou com os teus, porém por minha ciência superior... por minhas penitências... por minha audácia... por minhas longas vigílias... pela energia da minha vontade e por minha perícia na ciência de nossos pais... quando a terra via os homens e os anjos andavam juntos, e em nada vos cediam eles a palma: apoio-me na minha própria força... desafio-vos... aborreço-vos... detesto-vos... desprezo-vos...

O ESPÍRITO

Mas teus muitos crimes te hão tornado...

MANFREDO

Que são eles para seres como tu? Devem os crimes ser punidos por outros crimes e por maiores criminosos? Recua para o teu inferno! Tu não tens poder sobre mim... isto sinto eu... nunca me possuirás... isto também eu sei. O que fiz está feito. Em mim trago um suplício ao qual nada pode o teu ajuntar. A alma imortal pune ou recompensa por si mesma seus maus ou seus bons pensamentos. Ela é a um tempo a origem e o fim de seus males. Independente de tempo e de lugar, seu senso íntimo, livre uma vez dos liames da

mortalidade, nada tem de comum com as coisas fugazes do mundo exterior, mas absorve-se no sofrimento ou na felicidade que lhe dá a consciência do próprio mérito. Tu não me tentaste, nem me podias tentar; nunca fui teu ludibrio, nem sou tua presa... fui e serei meu próprio algoz... Retirai-vos, demônios impotentes! A mão da morte está sobre mim... mas não a vossa!

(Os demônios desaparecem)

ABADE

Ah! Como estais pálido! Como estão descorados os vossos lábios! Como vos arqueja o peito... como na garganta agonizante vos roquejam as palavras. Dirige a Deus vossos rogos... orai... ainda que seja em mente... mas não morrais assim.

MANFREDO

Acabou-se tudo... Meus olhos turvos não te podem mais fixar; parece-me andar tudo à roda e a terra oscilar sob meus pés... Adeus... Dá-me tua mão...

ABADE

Fria... fria... e o coração também frio! Ainda uma prece... Ah! como vos sentis?...

MANFREDO

Velho! Não é tão difícil morrer... *(Expira)*

ABADE

Morreu!... Sua alma voou para além da Terra... para onde? Tremo pensá-lo... mas... morreu...[10](#)



NOTAS

1. Referências à mitologia bíblica abundam por todo o poema. Neste início do Ato Primeiro, Byron alude ao livro de *Eclesiastes* (1:18) – “Pois quanto maior a sabedoria, maior o sofrimento; e quanto maior o conhecimento, maior o desgosto” – e ao livro de *Gênesis*, que situa no Éden a Árvore da Vida, que garante longevidade, e a Árvore da Ciência, que garante o discernimento entre o bem e o mal.

2. Na mitologia grega, Prometeu foi o titã responsável por criar os seres humanos a partir do barro, além de ter roubado o fogo divino para com ele presentear a humanidade. Sua audácia foi punida de forma exemplar: acorrentado às rochas de uma montanha, o titã tinha seu fígado diariamente devorado por uma águia, mas o órgão se regenerava durante a noite e Prometeu passava novamente pelo suplício no dia seguinte. Poucos meses antes de escrever *Manfredo*, inspirado pelo *Prometeu Acorrentado* (c450 a.C.) atribuído a Ésquilo, Byron escreveu *Prometeu*, um hino a esse ser mítico que também inspirou outros românticos do círculo íntimo do poeta, como Percy Bysshe Shelley, autor de *Prometeu Desacorrentado* (1819).

3. Caim é um dos personagens bíblicos mais caros ao poeta, que escreveu um poema dramático protagonizado pelo fraticida. É possível que o uso da expressão “tua fraternidade com Caim” esteja

relacionada ao fato de todos os filhos de Adão e Eva terem desposado suas próprias irmãs, algo que remete ao escândalo de incesto que envolveu Byron com sua meia-irmã Augusta Leigh e provavelmente ao próprio passado de Manfredo e Astarteia. Além disso, a maldição imposta a Manfredo ecoa o *Paraíso Perdido* (1667) de John Milton, que será retomado inúmeras vezes nesta obra, especialmente a passagem do quarto livro na qual Satanás afirma que, aonde quer que voe, ele estará no inferno, pois ele mesmo é o inferno.

4. Herói folclórico da Suíça do século XV, Guilherme Tell tornou-se símbolo de rebeldia contra a tirania da casa dos Habsburgos.

5. Na obra *A Vida dos Sofistas* (c399), o grego Eunápio descreve como o filósofo Jâmblico teria puxado os irmãos Eros e Anteros (deuses da paixão e do amor retribuído) de dentro de duas fontes.

6. No Zoroastrismo, Arimã é o deus das trevas, da morte e do mal. A visita de Manfredo ao palácio de uma entidade com esse perfil (vide a cena seguinte) remete diretamente ao romance gótico *Vathek* (1786), de William Beckford, que Byron descrevia como sua Bíblia. Nessa narrativa, o califa que dá título à obra dedica toda sorte de sacrifício ao Giaur, entidade demoníaca que em troca lhe promete acesso os tesouros do palácio de Eblis (na mitologia islâmica, figura análoga a Satã). Diferentemente do califa, que encontra apenas a danação ao atingir seus objetivos, Manfredo entra e sai à vontade do recinto, numa explícita demonstração do alcance de seus

poderes. *Vathek* não é o único romance gótico aludido no poema: o primeiro vilão desses romances, apresentado em *O Castelo de Otranto* (1765), chama-se justamente Manfredo.

7. Referência a Napoleão Bonaparte, a quem Byron dedicou não só passagens em suas obras como também poemas inteiros, como os cinco traduzidos e publicados em 1870 por Guilherme de Castro Alves (irmão do célebre romântico baiano) sob o pseudônimo Alberto Krass. No ano de 1814, Napoleão foi exilado para a ilha de Elba e, após reconquistar o poder, foi novamente exilado na ilha de Santa Helena em 1815.

8. Referência bíblica aos Nefilins do livro de *Gênesis* (6:4): “Havia gigantes na terra naquele tempo e também depois, quando os filhos de Deus tiveram relações com as filhas dos homens e estas lhes deram filhos. Esses gigantes foram os heróis dos tempos antigos, homens famosos”.

9. Novamente, Byron aproxima Manfredo do Satanás do *Paraíso Perdido* de Milton, que chega a ser descrito como um arcanjo cuja face foi sulcada pelos trovões, de modo a expressar a fúria estampada em seu cenho. Essa relação foi exemplarmente estudada por Mario Praz no clássico *A Carne, a Morte e o Diabo na Literatura Romântica* (1933), especialmente no capítulo “As Metamorfoses de Satanás”, que recupera o caráter miltoniano dos vilões góticos e dos anti-heróis byronianos.

10. A cena final de *Manfredo* foi completamente reescrita por Byron a pedido de seu editor William Gifford, que considerava o desfecho da primeira versão manuscrita indigna do andamento prévio do poema dramático. Segundo o editor, a caracterização do abade transformou-o em um idiota sem qualquer traço de benevolência, a aparição do demônio Astaroth não se relacionava com a cena, e faltava peso dramático para que a obra se encerrasse de forma verdadeiramente catastrófica. A resposta de Byron foi imediata: após concordar com as críticas e atribuir a má qualidade da cena a um período febril, o poeta ampliou-a e chegou à versão que permanece até hoje.

NOTAS FINAIS



Retrato de Lord Byron – gravura baseada em desenho de G. H. Harlow.

LORD BYRON (George Gordon Noel Byron) nasceu na cidade de Londres em 1788. Sua ascendência nobre não impediu que passasse a infância como uma criança pobre, situação que perdurou até seus dez anos de idade, quando herdou o título, a

propriedade e os privilégios de seu tio-avô, tornando-se o 6º Barão Byron de Rochdale. Seu primeiro livro de composições poéticas, escrito quando o autor ainda era menor de idade, foi recebido com frieza e até malícia, mas em poucos anos sua obra e sua vida tornaram-no uma das maiores referências do Romantismo britânico e uma das maiores influências dos movimentos românticos ao redor do mundo.

De sua biografia, admiradores costumam ressaltar o contraste de sua beleza com a deformidade de um de seus pés, suas viagens pelo Oriente Próximo e pela Europa continental, sua defesa apaixonada dos trabalhadores na Câmara dos Lordes, seu apoio financeiro e mesmo presencial à luta contra a tirania, os escândalos sexuais que levaram ao seu autoexílio, suas blasfêmias anticatólicas, a fama que se seguiu ao sucesso de suas publicações, o medo de enlouquecer como vários de seus familiares, sua rotina donjuanesca, sua experiência com a bissexualidade e sua morte em 1824 (durante uma campanha autofinanciada em prol da libertação da Grécia) como alguns dos traços definidores de seu complexo caráter.

Por sua vez, sua obra compreende narrativas em verso que dissolveram as fronteiras entre heróis e vilões (com a criação do anti-herói byroniano), sátiras sociais mordazes que muitas vezes beiraram uma iconoclastia impublicável, um legado lírico marcado pelas paixões extremas num matiz que vai da melancolia mais doce até o remorso mais atormentado, dramas poéticos onde tempestades sublimes emolduram emoções abissais, tudo isso

temperado pelo gosto pelo exotismo, pelo macabro, pela altivez e por um deboche que muitos consideravam inaceitável.

MANFREDO é um *poema dramático* (ou *dialogado*) em três atos composto entre 1816 e 1817 e iniciado enquanto Byron residia na legendária Villa Diodati, na Suíça. Cerca de quatro meses antes de iniciar essa produção, o poeta hospedara o autor do clássico gótico *O Monge*, o romancista Matthew Gregory Lewis, que lhe recitou a primeira parte do *Fausto* de Goethe ao traduzi-la de improviso.

Não por acaso, o caráter fáustico do protagonista é um dos traços mais característicos de Manfredo, assim como a altivez do mago frente às potestades que conjura, o peso dos crimes de seu passado (com alusões quase explícitas ao escândalo de incesto entre Byron e sua meia-irmã Augusta Leigh), a caracterização sublime da paisagem alpina e suas considerações existenciais (que impactaram uma infinidade de poetas e mesmo filósofos, como Nietzsche). Além desta, há outras traduções brasileiras para este poema, como aquela vertida por Carolina von Koseritz do francês (1885), as versões livres (em prosa) de dois trechos incluídos por José Ricardo Pires de Almeida na coletânea *Brazil-Theatro* (1901-1902), e uma outra tradução integral do poema, publicada no ano 2000 por Ubiratan Paes de Castro Medeiros, que optou por usar versos.

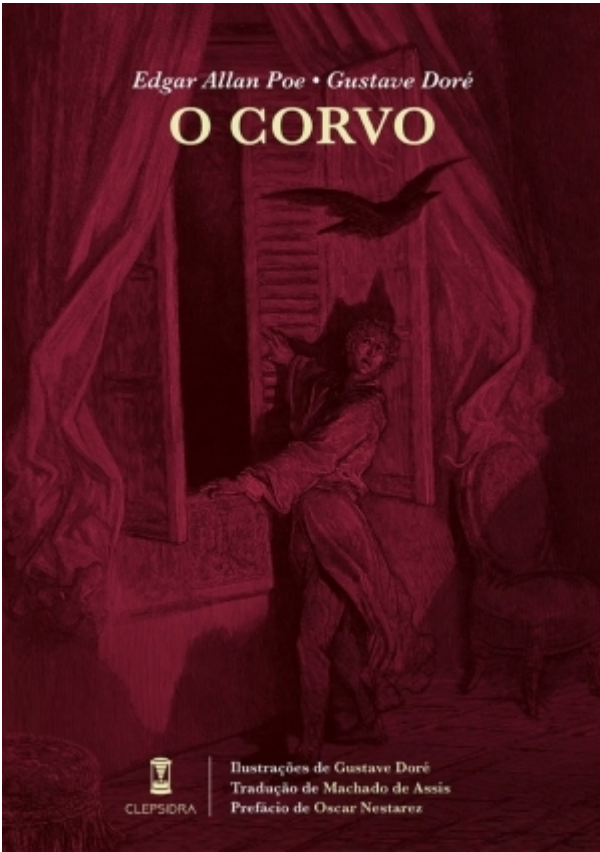
ANTÔNIO FRANCO DA COSTA MEIRELLES nasceu em Salvador provavelmente no início da década de 1830 e se doutorou em

Medicina nessa mesma cidade, embora tenha dedicado a maior parte de sua vida profissional ao ensino da língua inglesa. O tema de sua tese, que considerava a morfologia humana como uma prova da sabedoria de Deus, revela-nos de antemão sua religiosidade, um traço de personalidade que também se evidencia nas advertências que faz aos leitores de suas traduções de Byron.

Pouco se sabe sobre sua vida. Na década de 1850, publicou *Elementos de Grammatica Inglesa*, além de traduzir um *Vade Mecum* britânico. Entre 1870 e 1872, editou uma revista em prol da educação pública. Suas traduções literárias revelam seu apreço pelo bardo inglês: em 1869, publicou traduções em versos das *Melodias Hebraicas*, além de ter preparado traduções em prosa de *Manfredo*, *Céu e Terra* e *Caim*, que, finalizadas em 1870, só foram publicadas postumamente por iniciativa de seu filho no volume *Dramas de Byron* (1889).

Contents

1. [PREFÁCIO À EDIÇÃO DE 1889](#)
2. [PERSONAGENS](#)
3. [ATO PRIMEIRO](#)
 1. [CENA PRIMEIRA](#)
 2. [CENA SEGUNDA](#)
4. [ATO SEGUNDO](#)
 1. [CENA PRIMEIRA](#)
 2. [CENA SEGUNDA](#)
 3. [CENA TERCEIRA](#)
 4. [CENA QUARTA](#)
5. [ATO TERCEIRO](#)
 1. [CENA PRIMEIRA](#)
 2. [CENA SEGUNDA](#)
 3. [CENA TERCEIRA](#)
 4. [CENA QUARTA](#)
6. [NOTAS](#)
7. [NOTAS FINAIS](#)



O Corvo

Poe, Edgar Allan

9786580559053

40 páginas

[Compre agora e leia](#)

Graças à sua melancolia e à sua impressionante descida pelas espirais do luto, "O Corvo" (1845) se tornou um dos poemas mais célebres da história. Traduzido por mestres como Charles Baudelaire e Fernando Pessoa, a obra-prima de Edgar Allan Poe atraiu por aqui a atenção de ninguém menos que Machado de Assis, que recriou o poema de maneira mais universal e mais condizente com os modelos métricos do português brasileiro. Nesta edição, tanto o poema original quanto a tradução machadiana são acompanhados de uma "terceira tradução", desta vez pictórica, pelo francês Gustave Doré, autor de 26 impressionantes ilustrações de página inteira que ressignificam cada passagem do poema e expandem as fronteiras destes versos imortais.

[Compre agora e leia](#)

R. F. Tucchetti

Poemas de Vampiros

Ilustrações Anasor
Seleção Marco Aurélio Tucchetti



Poemas de Vampiros

Lucchetti, Rubens Francisco

9786580559060

64 páginas

[Compre agora e leia](#)

Desde sua estreia em 1942, Rubens Francisco Lucchetti criou um legado ímpar na literatura fantástica, de horror e de mistério. Poucas vezes, porém, seus incontáveis títulos exploraram sua veia poética, mantendo muito bem guardados os versos que escreveu em poemas que bebem nas veias da tradição vampírica, incluindo estas dezesseis obras escritas entre 1967 e 2014. Com seleção de seu filho Marco Aurélio Lucchetti, ilustrações da premiada Anasor ed Searom e nota biográfica do pesquisador Carlos Prinati, "Poemas de Vampiros" agora permite que fãs habituados com os romances, contos, HQs e filmes de Lucchetti conheçam uma faceta inusitada do Papa da Pulp, que celebrou no Dia das Bruxas de 2017 o impressionante aniversário de 75 anos de produção fictícia, um legado tão imortal quanto seus vampiros.

[Compre agora e leia](#)